

| “Ser Caxias”

Profa. Dra. Débora Duran*

*“Caxias, porém, só se pode em verdade comparar a
Luiz Alves de Lima e Silva.”
Eugênio Vilhena de Moraes*

O que significa, afinal, “ser Caxias”?...

De acordo com diversos dicionários, caxias é substantivo e adjetivo; feminino e masculino; singular e plural. Temos, assim, vários conectivos aditivos, de tal modo que a referência feita ao militar pode incluir homens e mulheres, indivíduos ou grupos, tanto na caserna como na vida civil. Caxias é sinônimo de estudioso, aplicado, sistemático, minucioso, correto, detalhista, metódico e rigoroso. É caxias quem impõe o cumprimento de obrigações e regras com seriedade.

“Ser caxias” significa, a um só tempo, “tão admirável” ou “muito exigente”, o que, a depender das circunstâncias, implica inspiração ou incômodo. Nas mais diversas situações cotidianas, referir-se a alguém como caxias pode ser tanto uma ação elogiosa como uma reclamação, já que o comportamento irretocável tende a ser tomado como referência para o proceder ou, ao contrário, como modelo a ser evitado. Se, para alguns, tal parâmetro é considerado norteador profissional de quem procura ser e dar o melhor de si; para outros, revela-se como critério constrangedor quando – em bom “militarês” – a intenção é “baixar o sarrafo” ou manter o nível “água na canela”. Para quem quer “ser caxias”, como Caxias, a decisão é, no mínimo, desafiadora.

* Pedagoga, mestre e doutora em educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP). Realizou diversas especializações, além de estágio pós-doutoral na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME). É docente do quadro do magistério superior do Exército Brasileiro e atuou como pesquisadora e assessora pedagógica na Assessoria de Liderança e Valores Militares do DECEX, bem como editora dos *Cadernos de Liderança Militar*. Atualmente, desenvolve suas atividades profissionais na Chefia de Educação e Cultura do Ministério da Defesa.

“

Ser ou não ser caxias, eis a questão...

No contexto específico da liderança militar, ser caxias significa ser líder e/ou liderado que exige de si mesmo, dos pares e liderados o máximo de dedicação, empenho, disciplina e efetividade. Esse perfil desejável não pode, contudo, ser confundido com perfeição, já que cumprir missões com êxito e ser vitorioso nas batalhas não significa, necessariamente, ser perfeito ou intocável pelas vicissitudes da vida. Aliás, vale lembrar que perfeição não é condição para ser referência, pois, nem mesmo nos textos bíblicos, os heróis da fé são apresentados como seres sem falhas, defeitos, medos, inseguranças ou imunes às tentações e aos infortúnios. A cultura do “erro zero”, portanto, não encontra respaldo na complexa teia das relações humanas constituída e constituinte da realidade histórica.

”

Eis, então, um dos desafios deste volume especial dos *Cadernos de Liderança Militar*, qual seja: celebrar a memória do Duque de Caxias como homem e militar, cidadão e soldado, numa perspectiva integradora que envolve as dimensões pessoal e profissional como faces indissociáveis de um líder inspirador. Pretendemos, assim, aproximar-nos de Luiz Alves de Lima e Silva, um homem dinâmico; não do monumento petrificado, o modelo inalcançável. Em outras palavras, isso significa dizer que, por ser tão humano e sujeito aos revezes da vida como nós, sua história de liderança tem muito a nos ensinar.

Obviamente, não é objetivo da nossa reflexão apresentar os pormenores das análises biográficas que se valem da pesquisa documental para fundamentar algumas hipóteses que se contrapõem ao ideário da perfectibilidade. Para os fins deste caderno, importa ressaltar alguns aspectos pessoais de Luiz Alves que mantêm relações viscerais com as competências profissionais desejáveis para as gerações atuais e futuras de líderes militares e, também, civis.

Como já esclarecemos anteriormente, “ser caxias” não é privilégio de quem atua no âmbito das Forças Armadas. Trata-se de uma referência nacional para todos os brasileiros e brasileiras que almejam liderar com inteligência, estratégia, coragem, sensibilidade, dignidade e valores. Os feitos militares do Pacificador já foram amplamente discutidos no teor de inúmeros textos, de modo que iremos nos ater, sumariamente, a algumas lições básicas que subjazem à sua biografia: *historicidade, comunicabilidade, sensibilidade, humildade e espiritualidade*.





Barão de Caxias
François-René Moreaux
Coleção Macedo Carvalho

Caxias não nasceu líder, tornou-se líder. Como é de conhecimento comum, alguns biógrafos destacam as qualidades de Caxias como líder nato, o que nos remete aos primórdios das teorias da liderança, mais especificamente à conhecida “teoria dos grandes homens”. Para alguns leitores da obra de Thomas Carlyle (1897), o pressuposto básico do autor residiria na crença segundo a qual os traços de personalidade seriam definidores dos casos de sucesso dos grandes vultos da história. Em termos psicológicos, tal posição aproxima-se do inatismo, abordagem segundo a qual o curso do desenvolvimento humano é determinado pela carga genética do indivíduo.

Partindo de outro ponto de vista, diversos autores destacam a importância dos vínculos familiares na trajetória profissional de Caxias. Luiz Alves nasceu numa família de militares e, desde a tenra infância, acompanhou de perto as ações e intenções do avô, do pai, dos tios e dos irmãos mais novos, na Corte, durante o período do Brasil Império. Para alguns, a influência do meio físico e social seria então determinante para forjar seu perfil de liderança, constituindo assim a base de suas atitudes e comportamentos destacados. No limite, essa linha de raciocínio nos levaria a assumir a premissa básica do ambientalismo, máxima segundo a qual o homem seria fruto do meio.

Diante de possíveis extremos interpretativos, entendemos ser fundamental considerar a liderança de Caxias numa perspectiva interacionista e longitudinal. Ele não nasceu líder e nem tampouco foi um produto do meio, mas *tornou-se líder* nas dinâmicas interativas envolvidas nos contextos socioculturais repletos de desafios pessoais e profissionais que enfrentou durante a vida. Sua personalidade ímpar, as lições aprendidas no seio familiar e as experiências vividas ao longo da carreira militar foram fundamentais para consolidar gradativamente seu perfil de liderança.

Por um lado, não devemos minimizar a influência decisiva de suas características pessoais nas lides militares. Por outro, todavia, não podemos acreditar que sua jornada de liderança tenha se iniciado somente aos 36 anos, quando seguiu para o Maranhão a fim de debelar a Balaiada. Uma leitura atenta dos estudos e pesquisas biográficas contraria qualquer tentativa de argumentar a favor de uma perspectiva determinista sobre liderança militar e não deixa dúvidas sobre o processo de construção contínuo, acumulativo e progressivo que culminou na ascensão do Duque de Ferro (MORAES, 2003; SOUZA, 2008).

**COMMANDO EM CHEFE DE TODAS AS
FORÇAS BRAZILEIRAS EM OPERAÇÕES
CONTRA O GOVERNO DO PARAGUAY,**

Quartel-General em Villêta, 21 de dezembro de
1868.

ORDEM DO DIA N. 269

CAMARADAS!

O inimigo, vencido por vós na Ponte do Itororó e no arroio Avahy, nos espera na Lomba Valentina com os restos de seu exercito.

Marchemos sobre ele, e com esta batalha mais tere-mos concluído nossas fadigas, e provações.

O Deus dos exércitos está comnosco!

Eia! Marchemos ao combate, que a victoria é certa porque o general, e amigo, que vos guia, ainda até hoje não foi vencido.

VIVA O IMPERADOR!

Outra lição fundamental que podemos aprender com a vida de Caxias diz respeito à importância fundamental da comunicabilidade na liderança militar. Nesse sentido, merece destaque, na trajetória do célebre soldado brasileiro, os modos de dizer, de externalizar pensamentos e sentimentos. Em outras palavras, digno de nota na biografia de Caxias é seu *ethos* discursivo, ou seja, uma maneira específica de ser ao dirigir-se aos liderados, que culmina na construção da imagem de um líder atencioso, corajoso, respeitoso e respeitável (MAINGUE-NEAU, 2008).

Há diversos registros da efetividade discursiva de Caxias, tanto oral como escrita. Nas palavras do padre Joaquim Pinto de Campos (1878), primeiro biógrafo e responsável pela autoria da obra sobre a “vida do grande cidadão brasileiro”, Caxias não apenas vencia, convencia. Um exemplo clássico de comunicação efetiva diz respeito às famosas palavras proferidas por ocasião da Batalha de Itororó:

“

Sigam-me os que forem brasileiros.

”

Ainda no contexto da Dezembrada, verificamos, na ordem do dia que marca o início da Batalha das Lomas Valentinas, uma mensagem de ânimo, vigor, fé e coragem. Caxias conclamou seus homens para lutar sem temor, vencer o inimigo e concluir com êxito e bravura mais uma missão.

O general, para estimular as tropas, ousou anunciar antecipadamente a vitória. É importante destacar, no entanto, que a locução adverbial “ainda até hoje” o qualificou como líder invicto, o que não significa invencível.

160
 poeta = Eu tenho o coração maior
 q o mundo. Tu querida Anica,
 bem o sabes. Um coração e
 basta. Aonde tu mesma
 cabes! - Em que parece até
 estou poeta! Saudações a todos,
 eu estou bem Sou teu
 Luiz



*Eu tenho o coração maior
 que o mundo . Tu querida Anica,
 bem o sabes . Um coração e
 basta. Aonde tu mesma
 cabes! Em que parece até
 estou poeta! Saudações a todos,
 eu estou bem
 Sou teu
 Luiz*

Anna Luísa Carneiro Viana de Lima
 Fonte: Biblioteca Nacional

Caxias, apesar de otimista, não foi arrogante. Tanto é assim que, com suas palavras, conseguiu fortalecer a própria autoridade como comandante e, ao mesmo tempo, apesar da hierarquia e da disciplina, invocar para si o papel de amigo. Apresentou-se como guia entre os liderados, não como mandante sobre os soldados.

Nas cartas de Caxias, encontramos, com base na comunicabilidade, outros aspectos relacionados à dimensão humana. Dentre eles, são inúmeras as demonstrações de afeto relacionadas aos pares, subordinados, esposa, filhas, parentes e amigos. Há, no teor de dezenas de documentos, provas incontestes de que se tratava de um homem sensível, honesto, justo e cordial.

Nos estudos documentais de Moraes (2003) e Souza (2008), há exemplos que legitimam a imagem de um líder racional, mas também *sensível*. De acordo com as palavras do próprio comandante, os inimigos eram americanos e, por esse motivo, “desarmados ou vencidos”, “como irmãos” deveriam ser tratados, uma vez que “a verdadeira bravura do soldado é nobre, generosa e respeitadora dos princípios da humanidade”. Em sua política militar, era dever “granjear amizade e respeito”, manter a “perfeita e fraternal união” e respeitar “a propriedade do nacional, do estrangeiro, do amigo, como a do inimigo”.

Entre os liderados, apesar de seu papel de disciplinador, os registros evidenciam que primava pelo respeito e pela justiça. Empenhou-se em ressuscitar brios, reparar injustiças, recompensar e reanimar seus homens nos campos de batalha. Nos documentos que evidenciam advertência aos subordinados, não raro nos deparamos com trechos que revelam sua disposição para orientar ao invés de punir. Assinou ainda muitas cartas como “comandante e amigo”.

Durante a Guerra do Paraguai, o general Osório perdeu um irmão, já viúvo, e que deixara filhos menores, dentre eles um alferes que fazia parte das tropas brasileiras. Como estava sob seu comando, Caxias mandou-o apresentar-se ao Marquês de Herval, com um ofício em que dizia: “deixando-o às suas ordens, ou mandando-o para casa, cuidar dos irmãos menores, se assim julgar conveniente.”



TESTAMENTO DO DUQUE DE CAXIAS

[...] Recomendo a estes que quero que meu enterro seja feito, sem pompa alguma, e só como irmão da Cruz dos Militares, no grau que ali tenho. Dispensando o estado da Casa Imperial, que se costuma mandar aos que exercem o cargo que tenho. Não desejo mesmo, que se façam convites pro meu enterro, porque os meus amigos que me quizerem fazer este favor, não precisam dessa formalidade e muito menos consintam os meus filhos que eu seja embalsamado.

[...] Logo que eu falecer, deve o meu testamenteiro fazer saber ao Quartel-General e ao ministro da Guerra que dispenso as honras fúnebres que me pertencem como marechal do Exército e que só desejo que me mandem seis soldados, escolhidos dos mais antigos, e melhor conduta, dos corpos da guarnição, pra pegar as argolas do meu caixão, a cada um dos quais o meu testamenteiro, no fim do enterro, dará 30\$000 de gratificação.

Já longe dos campos de batalha, em outra carta dirigida ao amigo, expressou sua preocupação com os liderados: “Tenho feito, mesmo deste recanto onde estou, o que posso pelas famílias dos nossos camaradas mortos na guerra, e já para quase todas tenho obtido pensões, mas ainda me faltam esclarecimentos a respeito de algumas.”

Dentre outros exemplos de sua *sensibilidade*, podemos ainda mencionar seu lado enamorado, o gosto pela poesia e pelas cartas. Casou-se com dona Anna Luísa Carneiro Viana, Anica, seu grande amor, a quem se dirigia e se despedia com palavras carinhosas como “meu bem”, “sou teu”, “sou só teu”. Em sua correspondência íntima, há cartas endereçadas aos amigos, além daquelas nas quais fazia referência aos filhos – “dá um beijo nos meus anjinhos” –, bem como outras manifestações sentimentais. Mesmo imerso nos combates, como esposo e pai, o insigne militar não deixou de demonstrar interesse, cuidado e atenção para com sua família.

Outro aspecto que merece destaque na dimensão humana de Luiz Alves é a sua *humildade*. Para além da louvação que acompanha o monumento físico e biográfico do grande líder nacional, encontramos evidências de não ser ele um homem presunçoso ou arrogante. Segundo Moraes (2003), teve apenas um ajudante de ordens no Maranhão, morou 11 meses numa barraca de palha, no Rio Grande do Sul, e, em São Paulo, ao avançar sobre Sorocaba, levou apenas seu casacão de viagem.

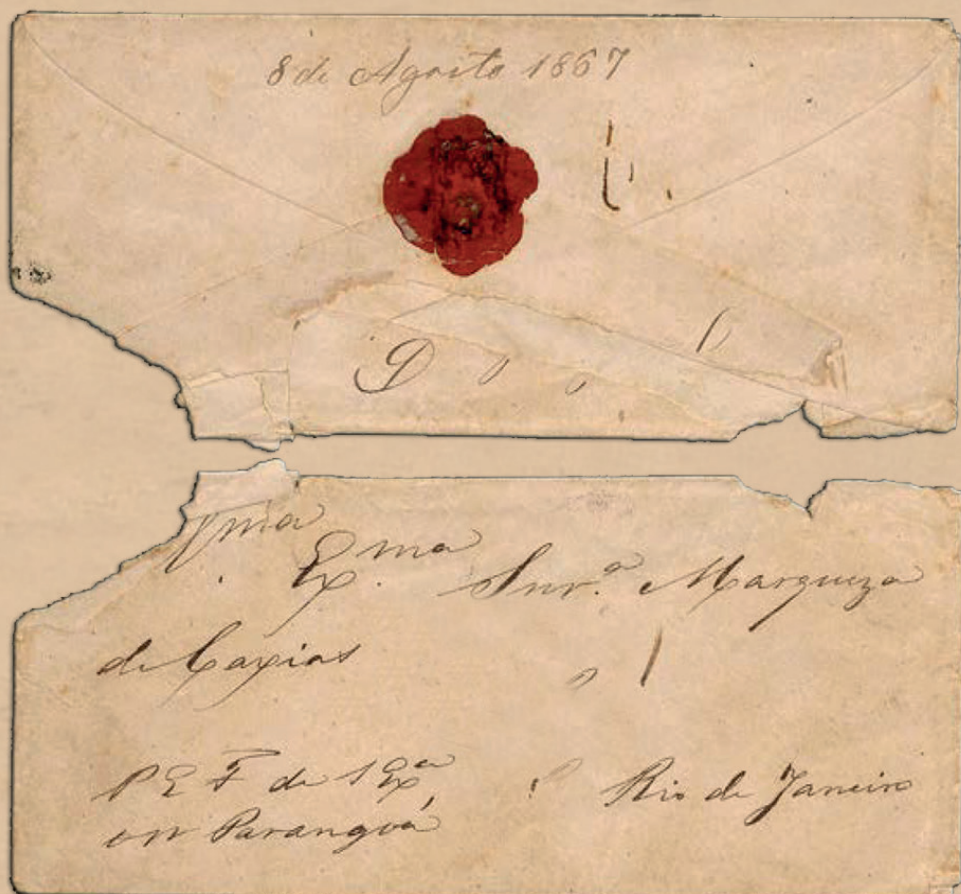
Os trechos destacados de seu testamento, como se pode notar, falam por si sós. Atestam que o marechal, apesar das honras militares que lhe eram devidas, dispensou pompa e circunstância. Preferiu a simplicidade à ostentação e definiu a conduta como critério de escolha daqueles que deveriam pegar as argolas do seu caixão. Para ele, o valor dos soldados estaria relacionado às melhores condutas, de tal maneira que deixou um registro claro do que entendia ser um “soldado de valor”.

Por fim, mas não menos importante, é a *espiritualidade* que se revela na história de vida de Luiz Alves. Além de sua trajetória como pacificador e guarda da integridade nacional, vale ressaltar o fato de ter sido coerente com os princípios cristãos pelos quais orientava suas palavras e ações. O temor a Deus está manifesto em sua correspondência, num trecho do testamento que reafirma sua fé e no zelo para com as cerimônias religiosas que instituiu nos campos de batalha e no palácio ducal. Não por acaso, exclamou durante um conflito: “Tirem-me meus generais, mas não me deixem sem meus capelães” (A SENTINELA DA PAZ, 1995).

Era homem de fé e de obras, razão pela qual os habitantes das regiões que comandou não pronunciavam seu nome com ódio. Caxias não era cruel com os vencidos e poupava o sangue dos seus inimigos. Diante dos inúmeros documentos e dos relatos que atestam o caráter do marechal, verificamos, em sua dimensão humana, a existência de um coração que buscava ser “manso e humilde”, as duas únicas palavras usadas pelo próprio Cristo para referir-se a si mesmo, conforme Mateus 11:29 (ORTLUND, 2021).

Para além do monumento físico e biográfico, encontramos Luiz Alves, o Caxias: homem, filho, esposo, pai, amigo, soldado, comandante, duque e marechal. Temos, assim, o caxiismo como um legado, como bem disse Gilberto Freyre (1966, p. 18): “Pois civismo, em sua expressão mais pura, é caxiismo. Caxiismo não é conjunto de virtudes militares mas de virtudes cívicas, comuns a militares e civis.”

Somos brasileiros, somos Exército Brasileiro, sejamos Caxias!



*Não tenhas cuidado da
minha sorte porque Deus é grande
e eu sou fatalista, se tiver de
morrer tanto hei de morrer estando
aqui como lá, há de ser o que Deus quiser,
pois estou muito tranquilo
e cumprindo sempre o meu dever,
não me acusa a consciência...*



Fazenda Santa Mônica, local onde morreu Caxias
Fonte: acasasenhorial.org
Fotografia: Mário Pinheiro

Referências

- A SENTINELA DA PAZ. *Revista da Arquidiocese Militar do Brasil*. Ser Capelão Militar. Brasília, n.2, jun/jul/ago 1995.
- CAMPOS, Joaquim Pinto de. *Vida do grande cidadão brasileiro Luiz Alves de Lima e Silva, barão, conde, marquez, duque de Caxias, desde o seu nascimento em 1803 ate 1878*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1848.
- CARLYLE, Thomas. *Heroes and Hero worship*. New York: The Macmillan Company, 1897.
- MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. Tradução de Luciana Salgado. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (Org.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008.
- FREYRE, Gilberto. Forças Armadas e outras forças. *A Defesa Nacional*, 52(605). Rio de Janeiro, 1966.
- MORAES, Eugênio Vilhena de. *O Duque de Ferro – Novos aspectos da figura de Caxias*. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 2003.
- ORTLAND, Dane. *Manso e humilde*. O coração de Cristo para quem peca e para quem sofre. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2021.
- SOUZA, Adriana Barreto de. *Duque de Caxias – o homem por trás do monumento*. Rio de Janeiro: Record, 2008.



Fonte: Pixabay
Darkmoon Art